

Seriam os intérpretes trapaceiros?

Benoît Kremer¹

Tradução de Ana Carolina de Freitas²
Universidade Federal de Santa Catarina

Brenda Bressan Thomé³
Universidade Federal de Santa Catarina

Bruno Brandão Daniel⁴
Universidade Federal de Santa Catarina

Entre todas as profissões intelectuais, raras são aquelas que suscitam tantas incompreensões e mal-entendidos quanto a de intérprete. Por um lado, o grande público sente uma grande admiração pelas pessoas que sussurram nas suas orelhas as palavras de seus interlocutores, escondidas à sombra entre a fala de dois chefes de Estado. É comum que jovens sonhem exercer uma tal profissão de aura tão prestigiosa, ainda que tenham dificuldades para explicar quais são as reais competências necessárias para isso e não saibam como funciona o cotidiano dos intérpretes. Por outro lado, muitas vezes se ouvem duras críticas, que podem ser resumidas em uma frase fundamental: os intérpretes são trapaceiros! Que seja permitido aqui a um representante desta profissão “cutucar a ferida” e examinar a fundo as críticas feitas aos intérpretes (que são frequentemente indiretas e raramente formuladas como críticas).

Para reproduzir de maneira mais ilustrada os diversos tipos de crítica dirigidas aos intérpretes, peguemos o exemplo (fictício) de uma intérprete⁵ e vamos segui-la ao longo de sua interação com seu cliente.

¹ Tradutor autônomo (1981), membro da STF, intérprete de conferências (1983), professor na ETI (École de Traduction et d'Interprétation da Universidade de Genebra) (introdução à interpretação consecutiva de inglês para francês, tradução simultânea de alemão para francês) e na Universidade de Grenoble (tradução jurídica de alemão para francês), antigo presidente do conselho da ETI (2006-2007), presidente da AIIC (Association Internationale des Interprètes de Conférence, www.aiic.org) desde 2006, reeleito em 2009. E-mail: b.kremer@aiic.net.

² Mestra em Estudos da Tradução pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução (PPGET) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). E-mail: anacarolzen9@gmail.com.

³ Mestranda em Estudos da Tradução pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução (PPGET) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). E-mail: brendathome@gmail.com.

⁴ Doutorando em Estudos da Tradução pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução (PPGET) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). E-mail: profbdaniel@gmail.com.

⁵ O autor deste texto é um homem, mas como tal, se encontra em minoria nesta profissão, exercida por uma maioria arrasadora de mulheres. Compreende-se, então, porque ele escolhe uma colega mulher para seu exemplo.

Tudo começa com um telefonema de um potencial cliente que deseja organizar uma reunião internacional e está mais ou menos comprometido⁶ a zelar pela boa comunicação entre os participantes. A intérprete explica o que necessita saber (duração e local da reunião, línguas faladas pelos participantes, para quais línguas as falas devem ser interpretadas: no nosso exemplo, russo e francês). *TRAPAÇA!* Exclama o interlocutor: *you finge ser intérprete e estar livre na data desejada, mas de repente me diz que não pode cobrir sozinha todas as línguas da reunião!* De fato, responde a intérprete, mas, primeiramente, trabalho exclusivamente com interpretação do russo para o francês e não do francês para o russo, então é preciso garantir a comunicação no sentido contrário; em seguida, nenhum intérprete profissional que se preze aceitará trabalhar sozinho em uma tradução simultânea ao longo de meia hora. *TRAPAÇA!* Responde-lhe. *Solicitaram que eu recrute um intérprete, e agora me vejo obrigado a procurar uma equipe de quatro pessoas. Isso vai sair mais caro e não tenho certeza de que serve para muita coisa...* A intérprete então se esforça para fazê-lo compreender que não deve analisar a questão dos custos a partir do ponto de vista das taxas cobradas para organizar uma reunião, e sim a partir da qualidade da comunicação, da satisfação dos participantes e da sensação de que não perderam seu tempo ao fim do evento.

No contexto de economias globais, o cálculo rígido do empenho dos custos deve sempre estar relacionado à utilidade real das atividades que eles remuneram. Por isso, mesmo em tempos de crise, é raro questionar a qualidade do palestrante convidado, que geralmente vem a um alto custo, do outro lado do mundo; ou então questionar o conforto das salas de reunião, que não podem ser apenas cadeiras de madeira rodeadas por quatro paredes de concreto revestidas por chapas de metal; não se questiona a eficácia dos sistemas de som, que devem atender às normas tecnológicas mais modernas, nem mesmo a oferta de bebidas na pausa para o café, quem dirá a decoração floral. Frente a isso, os custos de uma equipe de intérpretes frequentemente representam uma quantia irrisória, mas é aí que se escolhe fazer economia e o organizador pensa com facilidade que são custos “supérfluos” ou “excessivos”. Seria melhor se pensasse no quanto custaria a falta de participação de seus convidados russos, a insatisfação deles, ou, pior, a total falta de entendimento entre os participantes!

⁶ Infelizmente é raro que os organizadores de conferências desejem de boa vontade contratar intérpretes ou demonstrem algum entusiasmo nisso; ao seu ver, utilizar uma única língua (acompanhe meu raciocínio) permitiria economizar, mesmo se esta não for a língua de nenhum dos locutores e nem dos ouvintes presentes... mas com um pouco de sorte, os assuntos são muito sérios ou os participantes vêm de mundos muito diferentes para que se arrisque que o encontro dê errado por “simples questões linguísticas”.

Suponhamos então que o organizador volte à razão. Entre as condições que o intérprete-consultor⁷ exigirá estão os honorários e as despesas de viagem. *TRAPAÇA!* Exclama de novo o organizador. *Somente as antigas divas da ópera poderiam exigir tanto conforto para suas viagens e hospedagem! Não estou contratando intérpretes para pagar pelas suas férias!* Nesse ponto, é importante fazê-lo compreender que a interpretação é uma profissão intelectual que exige uma concentração enorme, e que é impossível garanti-la quando se passa a noite em um trem lotado, sem fechar os olhos porque o quarto do hotel é barulhento ou quando é preciso se levantar com as galinhas porque o hotel fica no outro lado da cidade.

A reação do cliente pode ser parecida quando se explica quais são os requisitos técnicos para o trabalho do intérprete (cabines que estejam de acordo com as normas ISO, equipamento técnico adequado, presença de um técnico experiente). Mas é relativamente mais fácil de fazer com que entendam estes requisitos, afinal, não se dá uma faca de cozinha a um cirurgião, por melhor que ele seja.

Mas as condições concretas não são as únicas sobre as quais o intérprete-consultor deve lutar: chegamos agora às críticas mais profundas e que pedem por uma discussão mais séria. O intérprete-consultor aborda agora, na prática, a questão da preparação: o organizador poderia enviar os documentos que ajudassem no trabalho (atas anteriores, glossários internos, descrições mais detalhadas dos assuntos da reunião, lista de participantes e, eventualmente, o texto das palestras)? *TRAPAÇA! Eu pensei que por esse preço poderia dormir o sono dos justos, e agora tenho que fornecer documentos internos confidenciais, fazer eu mesmo uma pesquisa nos meus arquivos e dar aos intérpretes os meios concretos para repetirem palavras que serão necessárias na reunião – desse jeito é melhor que eu mesmo faça o trabalho!*

Essas três objeções merecem uma análise mais meticulosa. Primeiramente, os intérpretes respeitam o sigilo profissional total e absoluto. Portanto, tudo que o organizador enviar a ele se será estritamente confidencial, o que contribui para estabelecer a confiança indispensável entre o intérprete e o organizador em questão, mas também contribui para conquistar a confiança de todos os possíveis organizadores com

⁷ Chamamos de « intérprete-consultor » o intérprete que não se contenta em aceitar ou recusar uma oferta de trabalho oferecida a ele, mas que orienta e guia o cliente em potencial na travessia do labirinto de questões organizacionais relativas à interpretação, reúne a equipe necessária e encontra colegas que correspondam à tarefa. Em suma, todo intérprete “médio” pode dar aos seus contatos os conselhos solicitados, mas certos intérpretes-consultores acumularam uma grande experiência profissional sobre como orientar a organização de uma comunicação profissional em reuniões internacionais.

quem vier a trabalhar, pois saberão que nenhum segredo vazará da reunião por causa do intérprete.



Ilustração: Marlène Junius: <http://alotoftralala.over-blog.com> (JUNIUS in: KREMER, 2009).

Além do mais, estes documentos servem somente para facilitar a integração do intérprete na reunião. Pode-se dizer que, enquanto estiver em serviço, o intérprete se torna parte da empresa, do projeto, da organização ou do encontro; para poder se adaptar em tão pouco tempo, emprega muito esforço pessoal, esforço que será muito mais eficaz se o organizador puder “abrir a porta” e ajudá-lo a se familiarizar com o jargão da área, os procedimentos internos, problemas e questões ocultos.

Por fim, é verdade que os participantes de uma reunião utilizam sempre um vocabulário técnico especializado, e que a audiência da interpretação tem o direito de ouvir este vocabulário bem utilizado por intérpretes devidamente preparados. Mas o maior mal-entendido nesta situação que descrevemos diz respeito à crença errônea de

que a interpretação consiste em repetir na maior velocidade possível o que o locutor disse. Ou, A INTERPRETAÇÃO NÃO É UMA OPERAÇÃO QUE ACONTECE NAS PALAVRAS, MAS SIM NO QUE ESTÁ SENDO DITO POR MEIO DELAS! Portanto, as palavras são um meio, mas não um fim em si. O discurso do locutor se constitui não somente de termos técnicos, mas de referências culturais, subentendidas, de intenções, e expressões idiomáticas, de anedotas pessoais, tudo isso mergulhado em formulações puramente gramaticais. Isso exige uma análise semântica profunda e instantânea; somente depois dessa análise é que o intérprete poderá escolher, na língua de chegada, que roupagem convém para passar a mensagem desta outra língua e que responda às exigências gramaticais, mas também culturais e de pensamento. Se nos conscientizarmos de que isso exige conhecimento prévio, concentração, espírito de análise e decisão, bem como fluência na fala, tudo isso sob efeito do estresse devido à intensidade do pensamento do locutor e também à rapidez das operações mentais em jogo, pode-se compreender o desejo do intérprete de ter o máximo de trunfos na manga para não comprometer a reunião por uma formulação de frase imprecisa ou inexata.

Pois é preciso também ter em conta que, ao surgir uma dificuldade, certos organizadores pensam (*TRAPAÇA! De novo*) que o intérprete não acompanha o ritmo imposto pelos participantes, que se contenta em fazer um resumo das falas, que estão ouvindo apenas um conteúdo sumarizado e que fica apenas à margem daquilo que foi dito. Ora, este não é, evidentemente, o caso – mas o mal-entendido sobre o papel do intérprete está lá, apesar de tudo. Eu me lembro de dois ouvintes terem se espantado, ao fim de uma reunião, que os intérpretes tinham “até mesmo” conseguido repassar o humor e a ironia do presidente. Ah, mas é claro! Os intérpretes não se contentaram apenas em transmitir o conteúdo técnico de um discurso, mas também o seu espírito. É claro que todo o leque de competência dos intérpretes não aparece até que os discursos pronunciados assim permitam (o intérprete, antes de mais nada, respeita fielmente e plenamente o conteúdo daquele ou daquela que ele traduz, mas não pode acrescentar nada que já não estivesse ali).

É preciso admitir que não é fácil tomar profunda consciência dos processos intelectuais descritos acima: no que compreende o russo, ouvir um locutor se expressando nesta língua é uma operação simples e imediata, mas que não leva em conta necessariamente a medida das dificuldades próprias de cada locutor (Ele tem um sotaque? Forma frases completas? Utiliza expressões raras ou termos técnicos complexos? Seu discurso é excessivamente rebuscado? [em alguns casos, aquele que

apenas ouve na língua original pode achar muito agradável um discurso rápido, inteligente, recheado de anedotas e piadas, enquanto isso constitui um bom tanto de dificuldades e obstáculos para o intérprete]).

Da mesma forma, para aquele que apenas entende o francês, seguir a interpretação francesa deste discurso não permite julgar a complexidade do processo envolvido (o intérprete teve que reformular todas as frases? Utilizou constantemente sua memória de curto prazo? Reorganizou os elementos do discurso? Superou dificuldades de ordem linguística ou técnica?); o ouvinte se contenta em apreciar a fluência do intérprete, sua voz, a precisão de suas formulações, seu respeito às noções técnicas e a eficácia de sua comunicação. A fortiori, não é suficiente conhecer tanto o russo quanto o francês para julgar a qualidade da interpretação: para isso, seria necessário escutar em um ouvido o original e em outro a interpretação, e refazer em pensamento o caminho mental que levou de uma língua à outra – tudo em algumas frações de segundo. Fica claro que apenas pessoas devidamente formadas (intérpretes ou professores de interpretação) estão habituados a este tipo de exercício. Mas para um cliente não é suficiente ouvir o locutor, depois usar fones de ouvido por cinco minutos a fim de ver se o intérprete “acompanhou” a fala para poder julgar a qualidade do trabalho do intérprete, isso não serve nem mesmo para tomar consciência do que este trabalho representa. Admito, portanto, que somente o resultado final conta, e serei o primeiro a confessar que há *TRAPAÇA!* e até mesmo enganação na mercadoria se o “produto finalizado” entregue pelo intérprete for uma salada inaudível. Mas também preciso insistir no fato de que uma mensagem impecável, um conteúdo perfeito, formulado com facilidade e precisão e expresso em um tom agradável e comunicativo não é o produto de uma repetição temerária de palavras e de termos, mas de uma formação aprofundada e de uma preparação bem feita, bem como de um processo intelectual complexo e exigente realizado na hora.

Tocamos, assim, em outra crítica geralmente implícita e inconfessa (e talvez quase inconfessável!). *Existiria TRAPAÇA no trabalho dos intérpretes precisamente porque não temos a impressão de que seja um trabalho complicado: eles viajam confortavelmente, se acomodam em uma cabine, abrem o microfone, repetem duas ou três frases, e acabou – não há mais nada a fazer senão voltar para casa, é claro, depois de passar pela caixa para receber o “pagamento”.* Porém, o esforço é considerável, acredito que o descrevi acima, mas reconheçamos que é ainda pouco visível. Isso se deve, em partes, ao fato de que o intérprete de qualidade fornece uma prestação de

serviço que elimina as hesitações e garante ao ouvinte uma escuta agradável e um conteúdo irretocável. Por outro lado, isso se explica também pelo fato de que o serviço prestado pelo intérprete é fluido e intangível, não se torna duradouro, é imediato: a interpretação é um produto que se consome “quente”, no momento da discussão e em uma determinada situação de comunicação. A interpretação é o elemento que contribui para a boa comunicação, para as trocas entre participantes, para o estabelecimento do diálogo, mas, assim como o sal, se dissolve no prato, e no momento da degustação, não é mais percebida como um ingrediente à parte, mas como um elemento inseparável do todo. Em outras palavras, é justamente quando o intérprete não se faz notar que sua presença é tida como muito eficaz!! E nestas circunstâncias é particularmente difícil separar os componentes que levaram a este sucesso, pois eles foram “digeridos” ao longo da discussão, que aconteceu oralmente e por isso, nenhum traço resta para fins de verificação⁸. Para resumir, poderíamos citar o provérbio inglês *the proof of the pudding is in the eating*⁹: é o bom andamento da reunião (no campo da comunicação propriamente dita, evidentemente, e não no campo dos resultados concretos que não dependem dos intérpretes!) o que comprova (retrospectivamente) a qualidade da interpretação.

Somente ao final desta reunião fictícia que tomamos como exemplo é que o cliente poderá se dirigir aos intérpretes para reconhecer que não houve *TRAPAÇA!* mas que suas intervenções contribuíram realmente para o sucesso da reunião e para o entendimento entre os participantes russos e franceses. Se cada elo da corrente fizer sua parte, se o intérprete-consultor der conselhos e guiar o cliente ao recomendar as melhores soluções; se os intérpretes individuais se prepararem da melhor forma e colocarem em prática todas as suas competências profissionais; se o cliente aceitar fazer sua parte e integrar os intérpretes dentro da organização de sua reunião, facilitando que possam contribuir de forma eficaz; então a utilidade da profissão de intérprete ficará clara para todos.

Além de todas as críticas já mencionadas, há uma que nunca é feita, mesmo que possa ser a única justificável... De fato, por causa das limitações da profissão, os intérpretes repetem as palavras dos outros o tempo todo. Mas lá no seu íntimo,

⁸ Fica claro que isso representa uma das maiores diferenças entre interpretação e tradução, sendo que a tradução tem o traço escrito sempre disponível para um “controle” posterior, com a cabeça fria, mas também tem uma limitação complementar para o tradutor: seu trabalho deve resistir a diferentes contextos de leitura e à passagem dos anos. Outra fonte de um certo sentimento de *TRAPAÇA* está na operação da tradução escrita parecer infinitamente mais complicada e, assim, mais nobre do que a operação da tradução oral, enquanto que esta última preserva uma aura de maior prestígio...

⁹ N. T.: algo parecido com o provérbio em português: “Só a experiência comprova.”.

frequentemente sentem a necessidade de fazer notar suas próprias vozes, de expressar sua criatividade e suas ideias sem passar pelas do outro, em outras palavras, sentem necessidade de se transformar em interlocutores! Ao se colocarem na pele das pessoas que estão traduzindo, os intérpretes parecem atores que assumem a cada noite um papel diferente – mas se contentam em representá-lo, sem vivê-lo realmente. Quem sabe então, quando isso acontece, poderíamos acusá-los então, justamente, de fingimento, ou seja, de *trapacear*?

Les interprètes sont-ils des tricheurs?

Benoît Kremer

De toutes les professions intellectuelles, rares sont celles qui suscitent autant d'incompréhensions et de malentendus que l'interprétation. D'un côté, le grand public ressent une grande admiration pour les personnes, à demi dans l'ombre entre deux chefs d'État, qui leur chuchotent à l'oreille les propos de leurs interlocuteurs. Il n'est pas rare que les jeunes rêvent d'exercer une profession auréolée d'un tel prestige, bien qu'ils soient souvent en peine d'expliquer les véritables compétences requises et ignorent comment s'organise le quotidien des interprètes. De l'autre côté, on entend parfois évoquer à mots couverts des critiques que l'on pourrait résumer d'une phrase lapidaire : les interprètes sont des tricheurs ! Qu'il soit ici permis à un représentant de cette profession de « crever l'abcès » en examinant sur le fond les reproches faits aux interprètes (mais souvent indirectement, et rarement formulés en ces termes).

Pour retracer de la façon la plus aisée les divers types de critique adressés aux interprètes, prenons l'exemple (fictif) d'une interprète¹⁰ et suivons-la tout au long des contacts avec son client.

Tout commence avec l'appel téléphonique d'un client potentiel, désireux d'organiser une réunion internationale et plus ou moins obligé¹¹ de veiller à la bonne communication entre les participants. L'interprète se fait expliquer les besoins (durée et

¹⁰L'auteur de ce texte est un homme, mais à ce titre, se retrouve en minorité dans cette profession, exercée à une écrasante majorité par des femmes. On comprendra donc qu'il choisisse une collègue féminine dans son exemple.

¹¹ Il est hélas rare que les organisateurs de conférences souhaitent recruter des interprètes de leur plein gré et avec enthousiasme ; dans leur esprit, l'utilisation d'une langue unique (suivez mon regard) permettrait de faire des économies, même si elle n'est la langue maternelle d'aucun orateur et bien évidemment d'aucun auditeur dans la salle... Mais avec un peu de chance, les enjeux sont trop élevés ou les participants viennent d'horizons trop différents pour que l'on puisse se permettre de risquer de faire capoter la rencontre pour de « simples questions linguistiques ».

lieu de la réunion, langues parlées par les orateurs, langues vers lesquelles l'interprétation est souhaitée : dans notre exemple, russe et français). *TRICHERIE !!* s'exclame son interlocuteur : *vous prétendez être interprète, libre à la date voulue, mais tout à coup vous me dites que vous ne pouvez pas couvrir seule toutes les langues de la réunion !* Certes, répond l'interprète, mais d'une part, je travaille exclusivement du russe vers le français, et pas du français vers le russe, donc il faut aussi assurer la communication dans l'autre sens ; et d'autre part, aucun interprète professionnel digne de ce nom n'acceptera jamais de travailler seul en simultané au-delà d'une demi-heure. *TRICHERIE !* lui réplique-t-on, *on m'a demandé de recruter un interprète, et voilà que je me retrouve avec toute une équipe de quatre personnes... Cela va me revenir plus cher et je ne suis pas sûr que cela serve à grand-chose...* L'interprète s'échine alors à faire comprendre que la question des coûts ne doit pas se voir à travers l'addition des frais engagés pour organiser une réunion, mais à travers la qualité de la communication, la satisfaction des participants et le sentiment général qu'ils n'ont pas perdu leur temps.

Dans un contexte d'économies généralisées, le strict calcul des coûts engagés doit toujours être mis en regard de l'utilité réelle des activités qu'ils rémunèrent. Ainsi, même en période de crise, il est rare de pinailler sur la qualité de l'orateur invité, que l'on fait venir à grands frais de l'autre bout du monde, sur le confort des salles de réunions, dont on n'imagine pas qu'elles se composent de chaises en bois entourées de quatre murs de parpaings coiffés de tôle ondulée, sur l'efficacité du système d'amplification acoustique, qui doit répondre aux normes technologiques les plus modernes, ni même sur l'offre de boissons à la pause café, voire sur la décoration florale. Face à ces coûts, ceux d'une équipe d'interprètes représentent souvent une faible fraction, mais ce sont eux que l'on met en exergue et dont l'organisateur pense aisément qu'ils sont « superflus » ou « excessifs ». Il ferait cependant bien mieux de penser à ce que lui coûterait l'absence de participation de ses invités russes, leur insatisfaction ou, pire encore, l'incompréhension totale entre les participants !

Supposons donc que l'organisateur vienne à résipiscence. Parmi les conditions que l'interprète-conseil¹² va réclamer figurent les honoraires et les conditions de

¹² On nomme « interprète-conseil » l'interprète qui ne se contente pas d'accepter ou de refuser une offre de travail le concernant directement, mais qui oriente et guide également le client potentiel à travers tout le labyrinthe des questions d'organisation relatives à l'interprétation, en composant l'ensemble de l'équipe et en trouvant les collègues correspondants. Dans les grandes lignes, tout interprète « lambda » peut donner à ses contacts les conseils requis, mais certains interprètes-conseils ont accumulé une grande expérience professionnelle en matière d'orientations à donner en vue d'une organisation professionnelle de la communication dans une réunion internationale.

voyage. *TRICHERIE !* s'exclame à nouveau l'organisateur. *Seules les divas d'opéra du passé se permettaient d'exiger tout le confort pour leurs voyages et leur hébergement ! Je ne recrute pas des interprètes pour leur offrir des vacances !* À ce stade, force est de lui faire comprendre que l'interprétation est une profession intellectuelle exigeant une concentration énorme, impossible à assurer lorsque l'on a passé la nuit dans un train bondé, que l'on n'a pas fermé l'oeil parce que la chambre d'hôtel était bruyante ou que l'on a dû se lever dès potron-minet parce que l'hôtel était à l'autre bout de la ville.

La réaction du client risque aussi d'être similaire lorsqu'il lui est expliqué quels sont les besoins techniques des interprètes (cabines répondant aux normes ISO, équipement technique approprié, présence d'un technicien expérimenté). Mais il est relativement plus facile de faire comprendre ces besoins, d'autant que pour une opération non plus, on ne donne pas un couteau de cuisine à un chirurgien, fût-il le meilleur.

Mais les conditions concrètes ne sont pas les seules sur lesquelles l'interprète-conseil doit se battre : nous en arrivons maintenant à des reproches bien plus profonds et qui appelleront une discussion plus sérieuse. L'interprète-conseil aborde en effet la question de la préparation : l'organisateur peut-il lui remettre de la documentation susceptible de l'aider (procès-verbaux antérieurs, glossaires internes, description plus détaillée des enjeux de la réunion, liste des participants, éventuellement texte de leurs interventions) ? *TRICHERIE ! Je croyais que pour ce prix, je pouvais dormir sur mes deux oreilles, et voilà qu'il faut encore que je fournisse des documents confidentiels internes, que je fasse, moi, des recherches dans mes archives, et que je donne aux interprètes les moyens concrets de répéter les mots dont ils auront besoin en réunion – à ce compte-là, autant faire le travail moi-même !*

Ces trois objections méritent un examen plus poussé. En premier lieu, les interprètes sont tenus au secret professionnel total et absolu. Dès lors, tout ce que l'organisateur leur remet reste strictement confidentiel, ce qui contribue à asseoir la confiance indispensable envers cet organisateur-ci, mais aussi envers tous les organisateurs possibles à l'avenir, qui sauront désormais qu'aucun secret ne filtrera hors de la réunion à cause des interprètes.



Ilustração: Marlène Junius: <http://alotoftralala.over-blog.com> (JUNIUS In: KREMER, 2009).

De plus, ces documents ne servent qu'à faciliter l'intégration de l'interprète dans la réunion. On peut dire en effet que, pour la durée de l'engagement, l'interprète devient partie intégrante de l'entreprise, du projet, de l'organisation ou de la rencontre ; pour pouvoir s'adapter en si peu de temps, il fournit bien évidemment des efforts personnels, mais ceux-ci seront encore plus efficaces si l'organisateur lui « ouvre la porte » et l'aide, de son côté aussi, à se familiariser avec le jargon maison, les procédures internes, les enjeux cachés.

Enfin, il est vrai que les participants à une réunion manient toujours un vocabulaire technique spécialisé, et que les auditeurs de l'interprétation sont en droit d'entendre ce vocabulaire utilisé à bon escient par les interprètes dûment préparés. Mais le plus grand malentendu, dans la situation que nous décrivons, tient à la croyance erronée que l'interprétation consiste à répéter aussi rapidement que possible les mots

prononcés par l'orateur. Or, L'INTERPRÉTATION N'EST PAS UNE OPÉRATION SUR LES MOTS, MAIS SUR CE QUI EST DIT À TRAVERS EUX ! Dès lors, les mots sont un moyen, mais pas une fin en soi. Le discours de l'orateur est en effet constitué non seulement de termes techniques, mais aussi de références culturelles, de sous-entendus, d'intentions, d'expressions idiomatiques, de tournures personnelles, le tout noyé dans des formulations purement grammaticales. Tout cela exige, de manière instantanée, une analyse sémantique poussée ; ce n'est qu'au terme de celle-ci que l'interprète pourra choisir, dans la langue d'aboutissement, l'habillage qui conviendra pour faire passer le message dans cette autre langue, qui répond à d'autres exigences grammaticales, mais aussi culturelles et de pensée. Si l'on prend conscience de ce que cela exige de connaissances préalables, de concentration, d'esprit d'analyse et de décision, ainsi que d'aisance dans l'expression orale, le tout sous l'effet du stress dû à l'intensité de la pensée de l'orateur, mais aussi à la rapidité des opérations mentales en jeu, on peut comprendre le désir de l'interprète de mettre tous les atouts de son côté pour ne pas compromettre la réunion par une formulation imprécise ou inexacte.

Car il faut aussi voir que certains organisateurs s'imaginent (*TRICHERIE ! là encore*) que l'interprète ne parvient à tenir le rythme imposé par les orateurs que parce qu'ils se contentent de faire un résumé de leurs propos, qu'ils expriment un contenu sommaire et qu'ils restent en surface de l'intervention dès lors qu'une difficulté se présente. Or, tel n'est évidemment pas le cas – mais le malentendu sur le rôle de l'interprète est là, malgré tout. Je me rappelle avoir entendu deux auditeurs s'étonner, à l'issue d'une réunion, que les interprètes aient « même » su faire passer l'humour et l'ironie du président. Eh bien oui ! Les interprètes ne se contentent pas de transmettre le contenu technique d'un discours, mais aussi l'esprit dans lequel il est prononcé ; évidemment, tout l'éventail de leurs compétences ne ressort que lorsque les discours prononcés s'y prêtent (l'interprète, après tout, respecte fidèlement et pleinement le contenu de celui ou celle qu'il/elle traduit, mais ne peut y mettre plus que ce qui s'y trouve au départ...).

Il faut concéder qu'il n'est pas aisé de prendre conscience en profondeur des processus intellectuels décrits plus haut : pour qui comprend le russe, écouter un orateur s'exprimer dans cette langue est une opération simple et immédiate, mais qui ne prend pas nécessairement la mesure des difficultés propres à l'orateur (a-t-il un accent particulier ? forme-t-il des phrases complètes ? utilise-t-il des expressions rares ou des termes techniques complexes ? son débit est-il excessivement soutenu ? [dans certains

cas, celui qui se contente d'écouter peut trouver très plaisant un discours rapide, enlevé, truffé d'anecdotes et de blagues, alors que cela constitue autant de difficultés et d'obstacles pour l'interprète]). De même, pour qui comprend le français, suivre l'interprétation française de ce discours ne permet pas de juger de la complexité du processus impliqué (l'interprète a-t-elle dû reformuler toutes les phrases ? faire constamment appel à sa mémoire à court terme ? réorganiser les éléments du discours ? surmonter des difficultés d'ordre linguistique ou technique ?) ; l'auditeur se contente d'apprécier l'aisance de l'interprète, sa voix, la précision de ses formulations, son respect des notions techniques et l'efficacité de sa communication. A fortiori, il ne suffit pas de connaître à la fois le russe et le français pour juger de la qualité de l'interprétation : pour cela, il faudrait écouter d'une oreille l'original et de l'autre l'interprétation, et refaire en pensée le cheminement mental qui aboutit de l'un à l'autre – le tout, en quelques fractions de seconde. Bien entendu, seules des personnes dûment formées (interprètes ou enseignants en interprétation) sont habituées à ce genre d'exercice. Mais pour un client, il ne suffit évidemment pas d'écouter l'orateur, puis de porter les écouteurs pendant cinq minutes afin de voir si l'interprète « suit », pour juger de la qualité intrinsèque de son travail, ni même pour prendre conscience de ce que ce travail représente. Je concède cependant que c'est le résultat final qui compte, et je serais le premier à avouer qu'il y a *TRICHERIE* ! et même tromperie sur la marchandise si le « produit fini » livré par l'interprète est une bouillie inaudible. Mais il me faut aussi insister sur le fait qu'un message impeccable, d'un contenu parfait, formulé avec aisance et précision et exprimé sur un ton agréable et communicatif n'est pas le produit d'une répétition de mots et de termes irréflectie, mais d'une formation poussée et d'une préparation soutenue en amont, ainsi que d'un processus intellectuel complexe et exigeant réalisé dans l'instant.

On touche ainsi du doigt une autre critique, souvent implicite et inavouée (et peut-être presque inavouable !). *Il y aurait TRICHERIE de la part des interprètes précisément parce que l'on n'a pas l'impression que leur travail soit compliqué : ils voyagent dans le confort, s'installent en cabine, ouvrent le micro, répètent deux ou trois phrases, et le tour est joué – il ne reste plus qu'à rentrer chez soi en passant, bien sûr, par la case « paiement ».* Or, l'effort est soutenu, je crois l'avoir décrit plus haut, mais, reconnaissons-le, il est assez peu visible. Cela tient d'une part à ce que l'interprète de qualité fournit une prestation professionnelle qui élimine les hésitations et assure à l'auditeur une écoute agréable et un contenu irréprochable. D'autre part, cela s'explique

aussi par le fait que la prestation de l'interprète est fluide et impalpable parce qu'elle ne s'inscrit pas dans la durée, mais dans le moment immédiat : l'interprétation est un produit qui se consomme « à chaud », dans l'instant de la discussion et dans une situation de communication précise. C'est l'élément qui contribue à la bonne communication, aux échanges entre les participants, à l'instauration du dialogue, mais comme le sel, il se dissout dans le plat et, au moment de la dégustation, n'est plus perçu comme un ingrédient à part, mais comme un élément indissociable du tout. En d'autres termes, c'est précisément lorsque l'interprète n'a pas fait sentir sa présence qu'il s'est avéré le plus efficace !! Et dans ces circonstances, il est particulièrement difficile de dissocier les unes des autres les diverses composantes qui ont contribué à ce succès, parce qu'elles ont été « digérées » au fur et à mesure de la discussion, qui a eu lieu oralement et dont, par conséquent, aucune trace ne demeure à des fins de vérification¹³. Pour résumer, on pourrait citer le proverbe anglais *the proof of the pudding is in the eating* : c'est le bon déroulement de la réunion (sur le plan de la communication proprement dite, évidemment, et non sur celui des résultats concrets, qui, eux, ne dépendent pas des interprètes !) qui atteste (rétrospectivement) de la qualité de l'interprétation.

Ce n'est donc qu'à la fin de notre réunion prise en exemple que le client pourra s'adresser aux interprètes pour reconnaître qu'il n'y avait pas eu *TRICHERIE* ! mais que leur intervention avait réellement contribué au succès et à l'entente entre les participants russes et français. Si chaque maillon de la chaîne joue pleinement son rôle, l'interprète-conseil en dispensant des conseils avisés, en guidant le client et en lui recommandant les meilleures solutions, les interprètes individuels en se préparant au mieux et en mettant en oeuvre toutes leurs compétences professionnelles, le client lui-même en acceptant d'intégrer les interprètes dans l'organisation de sa réunion et en leur donnant les moyens d'y apporter leur contribution efficace, alors l'utilité de la profession d'interprète sera évidente pour tous.

Par-delà tous les reproches évoqués, il en est un qui ne l'est jamais, alors qu'il pourrait éventuellement être le seul justifié... En effet, de par les contraintes propres au

¹³ Bien entendu, cela représente une des différences majeures avec la traduction, dont la trace écrite reste toujours disponible pour un « contrôle » ultérieur à tête reposée, mais aussi avec la contrainte supplémentaire, pour le traducteur, que son travail doit pouvoir résister à des contextes de lecture différents, à des publics différents, voire au passage des années. Autre source, d'ailleurs, d'un certain sentiment de *TRICHERIE*, l'opération de traduction écrite paraissant ainsi infiniment plus compliquée, mais aussi plus noble, que l'opération de traduction orale, alors que cette dernière reste auréolée d'un plus grand prestige...

métier, les interprètes répètent à longueur de temps les propos des autres. Mais au fond d'eux-mêmes, ils ressentent souvent le besoin de faire entendre leur propre voix, d'exprimer leur créativité et leurs idées sans passer par celles d'autrui, en d'autres termes de se transformer en orateurs ! Se glissant dans la peau des personnes qu'ils traduisent, les interprètes ressemblent à des acteurs qui endossent chaque soir un rôle différent – mais se contentent évidemment de le jouer, sans le vivre réellement. Qui sait, donc, si à ce stade, on ne pourrait pas les accuser à juste titre de faire semblant, c'est-à-dire de *tricher* ?

REFERÊNCIAS

JUNIUS, Marlène. [sem título]. Sem data. On-line. Paris, Blog Aloftralala. Disponível em: <http://alotoftralala.free.fr/>. Acesso em 10 de fev 2021.

KRÂMÉR, Benoît. Les interprètes sont-ils des tricheurs ? *Traduire*, Paris, n° 221, 2009. Disponível em: <http://journals.openedition.org/traduire/340>. Acesso em: 10 de fev 2021. DOI: <https://doi.org/10.4000/traduire.340>.